

## O Morgadio da Quinta da Torre, freguesia do Monte da Caparica, termo de Almada

Marcus de Noronha da Costa (Subserra) \*

Instituiu D. Tomás de Noronha, na Quinta da Torre, freguesia do Monte da Caparica, termo de Almada, um morgadio cujos bens perduraram nos seus descendentes até à extinção da enfiteuse no nosso país por uma disposição jurídica inserida no *processo revolucionário em curso* do 25 de Abril de 1974.

D. Tomás de Noronha foi um homem de grandes virtudes cristãs, *seguio na terra as pesadas de seo pae em desprezar as couzas do mundo e pertenceo ao ceo* como diz D. Luís Lobo, senhor de Sarzedas, no seu *Nobiliário* <sup>1</sup>; jaz no convento de S. Francisco na vila de Alenquer na capela da família na sala do capítulo em campa rasa com a seguinte inscrição: *sepultura de D. Thomaz de Noronha falleceo a 14 de Janeiro de 1584* <sup>2</sup>, sobrepujada pelas armas heráldicas dos Noronhas; serviu como esforçado cavaleiro nas praças do norte de África, integrou a embaixada enviada pelo Rei D. João III à segunda sessão do Concílio de Trento 1552-1554 <sup>3</sup> chefiada por seu tio Diogo da Silva, senhor de Vagos <sup>4</sup>, juntamente com o doutor Diogo de Gouveia, desembargador da Casa da Suplicação e, posteriormente, Prior-mor de Palmela, cabeça da Ordem Militar de Sant'Iago <sup>5</sup>; o bispo de Silves, D. João de Melo e Castro <sup>6</sup>; João Paes, doutor *in utroque jure* <sup>7</sup>; e o cônego da Sé de Évora Diogo Mendes de Vasconcelos, licenciado também em direito civil e canónico e discípulo de André de Gouveia em Paris <sup>8</sup>. O Rei D. Sebastião mandou-o como embaixador a França em 1560 para apresentar pêsames à Rainha Catarina de Medicis pela morte do filho o Rei Francisco II e a Maria Eduarda Rainha da Escócia sua mulher <sup>9</sup>. Casou com D. Helena Silva filha de D. Gil Eanes da Costa <sup>10</sup>, embaixador ao Imperador Carlos V, vedor da fazenda e do conselho de estado do Rei D. Sebastião <sup>11</sup>, presidente da Câmara Municipal de Lisboa <sup>12</sup>, com alvará de moradia do mesmo cargo <sup>13</sup>, comendador de Castro Marim na Ordem de Cristo <sup>14</sup>, e de sua mulher D. Joana Silva.

---

\* Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História.

<sup>1</sup> D. António Caetano de Souza, *História Genealógica da Casa Real* (1.ª ed.), T. XI, p. 903.

<sup>2</sup> Guilherme João Carlos Henriques, *Alenquer e o seu Concelho* (2.ª ed.), p. 57.

<sup>3</sup> P.de José de Castro, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. 1, p. 16; vol. 3, pp. 163 e 164.

<sup>4</sup> Idem, vol. 1, p. 16; vol. 3, pp. 161 e 162; António Pereira de Figueiredo, *Portugueses nos Concílios Gerais*, p. 74; Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal* (2.ª ed.), vol. 2, pp. 541 a 543; Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico* (1.ª ed.), pp. 949 a 951.

<sup>5</sup> P. de José de Castro, *ob. cit.*, vol. 1, p. 16; vol. 3, p. 161; António Pereira de Figueiredo, *ob. cit.*, pp. 74 e 75; Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana* (1.ª ed.), vol. 2, p. 641.

<sup>6</sup> P.de José de Castro, *ob. cit.*, vol. 1, p. 16 e vol. 3, p. 164; Fortunato de Almeida, *ob. cit.*, vol. 2, pp. 542 e 654.

<sup>7</sup> Idem, vol. 2, p. 542; P.de José de Castro, *ob. cit.*, vol. 2, p. 16 e vol. 3, p. 162.

<sup>8</sup> Idem, vol. 1, p. 161 e vol. 3, p. 163; Fortunato de Almeida, *ob. cit.*, vol. 2, pp. 542; António Pereira de Figueiredo, *ob. cit.*, p. 76.

<sup>9</sup> D. António Caetano de Souza, *ob. cit.*, T. XI, p. 903; Diogo Barbosa Machado, *Memória d'El-Rei D. Sebastião*, Parte 1.ª, L.º 2, Cap. IX, p. 118.

<sup>10</sup> *Genealogia e Heráldica Fontes Documentais da Torre do Tombo, Guia da Exposição*, p. 25, n.º 37 (*Instituição e Tombo do Morgadio de D. Gil Eanes da Costa, do Conselho d'El-Rei e Vedor da Fazenda e de sua mulher D. Joana Silva do qual era possuidor D. António da Costa*).

<sup>11</sup> D. António Caetano de Souza, *ob. cit.*, T. XI, p. 903.

<sup>12</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I*, Livro 28, fls. 188 e 232v.

<sup>13</sup> Idem, Livro 32, fls. 228.

<sup>14</sup> Idem, Livro 5, fls. 72.

Celebrou D. Tomás de Noronha com D. Helena Silva uma escritura de dote e arras nas notas do tabelião olisiponense Diogo Orelha a 23 de Março de 1558 no valor de 15.000 cruzados, dos quais 12.000 em dinheiro e os restantes 3.000 em jóias <sup>15</sup>, tendo dado posteriormente quitação do referido dote por novo acto notarial realizado na Quinta da Torre, freguesia do Monte da Caparica, a 23 de Junho de 1559 pelo tabelião de Almada, António Dias <sup>16</sup> e ainda fez padrões de juro, um de vinte mil réis <sup>17</sup> e outro de dez mil réis na Alfândega de Lisboa <sup>18</sup>.

D. Tomás de Noronha era filho de D. Leão de Noronha e de D. Brites de Castro <sup>19</sup>; seu pai, tendo mais irmãos varões, tomou o hábito de S. Francisco com o firme propósito de seguir a vida religiosa. Esta também já fora a opção do irmão primogénito D. Pedro de Noronha, professando na Ordem de S. Jerónimo e faleceu virtuosamente chamando-se em religião *Frei Pedro de Lisboa* <sup>20</sup>; dos irmãos imediatos, D. Jorge de Noronha serviu na Índia e aí morreu no tempo do governador D. Henrique de Menezes e com ele tomou parte na destruição da fortaleza de Panane <sup>21</sup>; o outro irmão, D. Henrique de Noronha, também militou naquelas paragens asiáticas onde faleceu e recebia de ordenado mensal cinco mil reais por mercê de 27 de Fevereiro de 1527 <sup>22</sup>. Perante estes factos foi D. Leão de Noronha obrigado a abandonar a vida conventual e a contrair matrimónio para continuar a descendência da sua casa <sup>23</sup>.

Levou D. Branca de Castro, quando casou com D. Leão de Noronha, para sua casa uma jovem para a servir, tendo o marido apaixonado-se por ela <sup>24</sup> e dessa relação ilícita nasceu uma filha, D. Ângela de Menezes, que seguiu a vida religiosa, professando no mosteiro dominicano de Jesus de Aveiro, transferida posteriormente para o de *Corpus Christi* em Vila Nova de Gaia, ocupando o lugar de prioreza e veio a falecer em odor de santidade <sup>25</sup>.

Conforme diz Jorge Cardoso, *esta culpa chorou D. Leão durante toda a sua vida não só pedindo perdão a Deus mas todos os dias a sua esposa* <sup>26</sup>, e para redimir as faltas praticou severas penitências, jejuns e selícios, distribuía avultadas quantias pelos pobres, transformou a própria residência num hospital, recebendo doentes e moribundos. Em casa mandava ler a vida dos santos, empenhava-se no ensino da doutrina cristã às crianças, sobretudo preparando-as para o sacramento da confissão, e pelas excelsas virtudes que possuía foi instrumento de Deus para a conversão dos pecadores atribuindo-lhe o biógrafo *um milagre* à porta da igreja do mosteiro do Salvador em Lisboa, do qual era 5.º administrador do padroado do referido convento, de em *quinta feira maior* ter curado um aleijado ao tocar-lhe com a mão em acto de compaixão por já ter distribuído as esmolas que levava para dar aos pobres e mendigos no fim da missa <sup>27</sup>.

D. Leão de Noronha teve carta de privilégio de fidalgo <sup>28</sup> e o direito de receber as coimas do reguengo de Alenquer <sup>29</sup>, e jaz na capela em frente ao nicho de Nossa Senhora das

<sup>15</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Pasta de Documentos de D. Tomás de Noronha*, doc. avulso, traslado do original em pergaminho da referida escritura feita em Lisboa a 18 de Novembro de 1762 pelo tabelião Inácio Martins de Melo.

<sup>16</sup> Idem, doc. avulso, traslado do original em pergaminho da referida escritura feita em Lisboa a 20 de Fevereiro de 1762 pelo tabelião Inácio Martins de Melo.

<sup>17</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Sebastião*, Livro 3, fls. 67.

<sup>18</sup> Idem, Livro 3, fls. 362, Livro 6, fls. 17v.

<sup>19</sup> D. António Caetano de Souza, *ob. cit.*, T. XI, p. 902.

<sup>20</sup> Idem, T. XI, pp. 901 e 902.

<sup>21</sup> Idem, T. XI, p. 902; Jorge Cardoso, *Agiológico Lusitano*, vol. 2, p. 673.

<sup>22</sup> *Registo da Casa da Índia*, int. e notas de Luciano Ribeiro, vol. 1, p. 37, n.º 158.

<sup>23</sup> Jorge Cardoso, *ob. cit.*, vol. 2, p. 672.

<sup>24</sup> Idem, *ib.*

<sup>25</sup> Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos* (1.ª ed.) Parte 2.ª, Livro 4.º, Cap. 22, p. 198.

<sup>26</sup> Jorge Cardoso, *ob. cit.*, vol. 2, p. 673.

<sup>27</sup> Idem, vol. 2, p. 682.

<sup>28</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João III*, Livro 32, fls. 91v.

<sup>29</sup> Idem, Livro 52, fls. 155v

Dores <sup>30</sup> no convento de S. Francisco de Alenquer, tendo a sua sepultura uma pedra tumular onde sobressai esculpido um escudo de tipo português *au balon*, com armas heráldicas de *Noronhas* em pleno, elmo e timbre em posição invertida, este é posto de lado e de grades com respectiva leganda epigráfica: *AQUIAZ D. LIAM DE NORONHA FI / LHO DE D. HENRIQUE DE NORONHA E / FREI COMENDADOR MO DE ODE S. TIAGO / NESTE REINO E D. ANA GIOMAR DE CASTRO / SUA MOLHER FALECEO A 12 DIAS DO / MÊS DAGOSTO DO ANNO DE 1-8-72* <sup>31</sup>.

D. Tomás de Noronha foi 6.º administrador do padroado do mosteiro do Salvador de Lisboa, fundado pelo Cardeal D. João Esteves de Azambuja <sup>32</sup> concedido por carta régia do Rei D. João I passada em Leiria a 23 de Fevereiro de 1421 <sup>33</sup>; no referido mosteiro o Purpurado já era administrador de uma capela instituída por João Esteves – o *Privado* – se porventura usou este nome, quer dizer que – *Privado* – era ocupação e não validamento junto da pessoa do rei, sendo este epíteto o mesmo que ministro do despacho.

O referido João Esteves de Azambuja foi camareiro-mór de D. Afonso IV, vedor da fazenda e conselheiro de D. Pedro I e alcaide-mor de Lisboa <sup>34</sup>, falecendo na mesma cidade em 1413 como consta do testamento lavrado nas notas do tabelião olisiponense Gonçalo Mendes, apresentado por Afonso Esteves, seu irmão e assistente em Azambuja, ao aguazil-geral de Lisboa Martim Afonso Escobar em 21 de Outubro de 1413 <sup>35</sup>, foi sepultado nessa capela da igreja do Rei Salvador que edificou com bens da sua casa <sup>36</sup> e conforme o referido documento deixa a terça para completarem a construção caso não estivesse concluída à hora da sua morte a capela em causa e em segundo lugar para cumprir o legado pio que instituiu com o rendimento dos bens da terça, servindo para o sustento de dois capelães para celebrarem *per todo sempre* quotidianamente missas por sua alma assim como quatro aniversários nos dias de Todos os Santos, Natal, Encarnação de Santa Maria e data do falecimento do instituidor, devendo a capela ser provida de lâmpadas e candeias para a celebração do ofício divino assim como de dois paramentos, um deles de *festival*, e de uma *capa de honra* <sup>37</sup>.

Na época da administração do padroado por D. Tomás de Noronha, o mosteiro do Salvador tinha uma comunidade de oitenta freiras dominicanas e o *pé do altar* rendia 1.100 cruzados, na igreja deste estava erecta a freguesia do Rei Salvador, cujo pároco era apresentado pelo padroeiro vencendo de salário 65 cruzados e o tesoureiro 28 cruzados, competindo aos dois capelães celebrarem missa diária pela alma do fundador, o Cardeal D. João Esteves, cujas ossadas na época jaziam numa urna de pedra na capela-mor do lado do Evangelho <sup>38</sup>.

D. Tomás de Noronha foi também 2.º administrador do Prazo de D. Leão em Alenquer

<sup>30</sup> Guilherme João Carlos Henriques, *ob. cit.*, p. 72.

<sup>31</sup> António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e José Eduardo Martins, *O Concelho de Alenquer, Subsídios para um Roteiro de Arte e Etnografia*, pp. 264 e 273.

<sup>32</sup> P.de António Domingos de Sousa Costa O. F. M., D. João Afonso de Azambuja, Cortezão, Bispo, Arcebispo, Cardeal e Fundador do Convento das Dominicanas do Salvador em Lisboa, in *Arquivo Histórico Dominicano Português*, vol. IV/2.

<sup>33</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Caixa dos Pergaminhos*, Perg. N.º 3, e *Pasta de Documentos da 7.ª Condessa dos Arcos, doc. avulso*, contendo a certidão do traslado da instituição do padroado passada por José Seabra da Silva, desembargador do Paço, procurador da Coroa e Guarda-mor da Torre do Tombo.

<sup>34</sup> Humberto Baquero Moreno, *ob. cit.*, p. 979; Luciano Cordeiro, *Diogo d'Azambuja*, p. 12.

<sup>35</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Convento das Dominicanas do Salvador*, Maço 25, doc. 48; Arq. do Palácio do Salvador, *Instituição do Morgado de João Esteves, o Privado* (este documento é um traslado feito no reinado de D. Manuel I, pelo Escrivão das Capelas, Vicente Vaz, a pedido de D. Henrique de Noronha, padroeiro do Mosteiro do Salvador), fls. 3 a 6.

<sup>36</sup> Idem, Soror Mariana Batista, *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lx.ª* (manuscrito), fls. 5v; Frei Luís de Sousa, *ob. cit.*, Parte II.ª, vol. 3, p. 11.

<sup>37</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Instituição do Morgado de João Esteves, o Privado*, fls. 8 a 10.

<sup>38</sup> Cristóvão Rodrigues de Oliveira, *Sumário Em Que Brevemente Se Contém Algumas Cousas (Assim Eclesiásticas Como Seculares) Que Hã Na Cidade de Lisboa* (ed. 1931), pref. de Augusto Vieira da Silva, pp. 67 e 68.

instituído por sua mãe D. Branca de Castro com uma capela no Convento de S. Francisco em Alenquer <sup>39</sup>, sustentado economicamente com bens da sua terça encabeçados pelo Casal de Riba Fria <sup>40</sup>, a quinta das Antas <sup>41</sup>, a vinha dos Melgaços, demais vinhas <sup>42</sup>, o casal da Serra <sup>43</sup>, terras de sementeira <sup>44</sup>, terras que foram de Simão Monteiro, todos os olivais, serrados <sup>45</sup>, matos, passigos e outras terras <sup>46</sup> no termo da vila de Arruda dos Vinhos, conforme testamento lavrado a 21 de Junho de 1572 <sup>47</sup> com a obrigação de missa quotidiana por alma de seus pais, D. Gonçalo Coutinho, comendador de Arruda dos Vinhos <sup>48</sup>, e D. Brites de Castro e de seu irmão D. Hilário da Costa <sup>49</sup>, acompanhada de responso sobre a sepultura, devendo a administração do referido vínculo andar sempre junto ao morgadio instituído por João Esteves – o Privado <sup>50</sup>, ao qual D. Leão de Noronha juntou bens em Alenquer que eram um domínio directo do Convento de Chelas em Coimbra <sup>51</sup>, assim como fundou outro vínculo por testamento constituído por umas casas propriedade de sua mulher D. Branca de Castro com o rendimento anual de 1.200 reais, importância entregue aos frades do Convento de S. Francisco de Alenquer para celebrarem para todo o sempre em cada mês uma missa cantada com ofício de finados seguida de responso sobre a sepultura <sup>52</sup>.

<sup>39</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Pasta das Capellas de Alenquer*, doc. Avulso, *Treslado do Livro das Capellas do Real Convento de S. Francisco de Alemquer, cujo mandou fazer o R. P. M. Frei Manuel de Nossa Senhora do Carmo sendo Guardião – Anno de 1803*.

<sup>40</sup> Idem, *Pasta de D. Leão de Noronha*, doc. Avulso, *Escritura da venda q. Fez Gonçalo Mendes ao S.r D. Gonçalo Coutinho de hum cazal na Arruda q. Leva em sementeira 48 alq.es pouco mais ou menos. Feita em Lx.<sup>a</sup> na era de 1512, nas notas de João de Roiz*.

<sup>41</sup> Idem, Caixa dos Pergaminhos, Perg. n.º 17, protegido por uma capa de papel tendo escrito em letra do sec. XVIII, *Escritura da venda q. Fez Pero Frz. ao S.r Dom Gonçalo Coutinho de hum terra onde chamaõ as Antas, termo da V.<sup>a</sup> da Arruda q. parte com herdeiros de Joaõ Montr.<sup>a</sup> de hua parte e outra com Martim aff.<sup>a</sup> Cavaleiro e entesta em cima com quintal que foi de Dom Pedro e em fundo com a rigueira por quatorze mil rs brancos. Feita na d.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> em 2 de Janr.<sup>a</sup> de 1515 por Vasco Pires tab.m na d.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup>*

<sup>42</sup> Idem, Perg. n.º 18, protegido por uma capa de papel tendo escrito em letra do sec. XVIII, *Escritura da compra q. fez o S.r D Gonçalo Coutinho de duas courellas de vinha onde chamaõ a Ribeira a Vicente Pires Faniquo tr.<sup>a</sup> da V.<sup>a</sup> da Arruda entesta com o caminho por sete mil rs brancos. Feita a 5 de Abril de 1511 nas notas de Vasco Pires*.

<sup>43</sup> Pasta de D. Leão de Noronha, doc. avulso. *Escritura da venda que fez Gonçalo Mendes mercador ao S.r Dom Gonçalo Coutinho do Casal da Serra por cento e sessenta mil rs. brancos. Feita em Lx.<sup>a</sup> aos 12 de Janr.<sup>a</sup> de 1512 nas notas de Jobam Rodrigues*.

<sup>44</sup> Idem, doc. avulso. *Escritura de venda q. fez Gonçalo Mendes ao S.r Dom Gonçalo Coutinho de hum cazal na Arruda q. leva em sementeira 48 alq.es pouco mais ou menos. Feita em Lx.<sup>a</sup> aos 12 de Janr.<sup>a</sup> de 1512 nas notas de João Roiz*.

<sup>45</sup> Idem, Perg.<sup>a</sup> 19, protegido por uma capa de papel tendo escrito em letra do sec XVIII. *Escritura de venda q. fez Affonso Soeiro e Sua m.er ao S.r Dom Gonçalo Coutinho de hum Serrado onde chamaõ de Constança Ayres tr.<sup>a</sup> da V.<sup>a</sup> da Arruda, q. entesta em fundo em rigueira e isto por nove mil rs. Brancos. Feita na d.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> em 4 de Junho de 1515 nas notas de Vasco Pires*.

<sup>46</sup> Idem, Perg.<sup>a</sup> 20, protegido por uma capa de papel tendo escrito em letra do sec XVIII. *Escritura da compra q. fez o S.r Dom Gonçalo Coutinho de hum quinhaõ de hum terra acerca da caza da Igr.<sup>a</sup> no Tr.<sup>a</sup> da V.<sup>a</sup> da Arruda por mil quinhentos r.s brancos a Fernam Rodrigues e sua mulher Ignes Annes. Em 28 de Junho de 1515 nas notas de Vasco Pires*.

<sup>47</sup> Idem, *Pasta das Capellas de Alemquer*, doc. avulso.

<sup>48</sup> *Livro de Genealogias do Século XVI*, int. de António Machado Faria, p. 192; Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal* (2.<sup>a</sup> ed), vol. IV, p. 16.

<sup>49</sup> *Livro de Genealogias do Século XVI*, int. de António Machado Faria, p. 192.

<sup>50</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Tombo da Capela Instituída por João Esteves o Privado*, fls. 60. Este tomo reúne todas as transcrições de documentos referentes aos vínculos que se juntaram ao núcleo inicial, mandou-o fazer o 6.º Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito.

<sup>51</sup> Idem, *Pasta 3 do 10.º Conde dos Arcos*, doc. avulso não datado resumindo a *Demanda com Domingos d'Antas de Távora da Cunha por terem terminado as 3 vidas de aforamento do moinho da Portela em Alenquer*, onde é trespassada a escritura celebrada em 7 de Fevereiro de 1634 pelo 3.º Conde dos Arcos D. Tomás de Noronha figurando o Prazo de D. Leão como domínio directo do Convento de Chelas de Coimbra e obrigando-se o padroeiro a aumentar o foro de 15\$000 réis para 40\$000 anuais ao referido convento e obrigando-se a entregar anualmente à Igreja de Santiago de Alenquer 4 moios de pão, sendo 2 de trigo e os restantes em cevada de mistura.

<sup>52</sup> Idem, *Pasta das Capellas de Alemquer*, doc. avulso.

D. Helena Silva mulher de D. Tomás de Noronha instituiu uma capela na sala do capítulo do convento de São Francisco de Alenquer, pelo seu testamento lavrado a 26 de Fevereiro de 1599, com a obrigação de missa quotidiana rezada por sua alma, de seu marido e de D. Brites de Menezes sua cunhada casada com D. Tristão Coutinho <sup>53</sup>; o vínculo foi constituído pela terça da fazenda que possuía na freguesia da Caparica, termo de Almada.

Quanto à fundação do morgadio em questão não há documento comprovativo no arquivo de família, mas tão somente um códice <sup>54</sup> de tombamento de aquisição de propriedades rústicas referente a 45 escrituras celebradas entre 2 de Março de 1559 e 20 de Março de 1566 das compras efectuadas por D. Tomás de Noronha. Por outro códice <sup>55</sup> do mesmo arquivo com letra do século XVIII constata-se a compra de propriedades rústicas por D. Gonçalo Coutinho, D. Brites de Menezes e Rui Lourenço de Távora incorporadas no referido vínculo.

Ao ritmo das gerações dos administradores que usufruíram do morgadio em causa, obtém-se pelas novas escrituras celebradas de aquisição de novas propriedades rústicas de renovação da enfiteuse e gestão do património.

D. Marcos de Noronha, 2.º administrador, guerreiro em Alcácer Quibir onde foi feito prisioneiro e mais tarde resgatado por sua mulher D. Maria Henriques <sup>56</sup>, acrescentou ao vínculo por aquisição mais três prédios rústicos, dois na freguesia de Almada e o outro em Sesimbra; os actos notariais foram celebrados pelos tabeliães Diogo Vieira da vila de Almada e Pero de Goes da cidade de Lisboa nos anos de 1606, 1608 e 1621 <sup>57</sup>. O administrador em causa mandou verificar as extremas e medições dos bens rústicos do morgado instituído por sua avó D. Branca de Castro, o qual andava anexo ao de João Esteves – *o Privado* –, na vila de Arruda dos Vinhos por petição ao desembargador e provedor das capelas e resíduos de Lisboa Dr. Gaspar Ferraz, que emitiu carta precatória a 24 de Maio de 1584 para o juiz da comarca de Arruda dos Vinhos, Dr. António Dias Pereira, sendo representado nesta acção judicial de verificação do património pelo aio Fernão Gomes <sup>58</sup>.

D. Tomás de Noronha, filho primogénito do precedente, 3.º Conde dos Arcos <sup>59</sup>, conjurado do 1.º de Dezembro de 1640 <sup>60</sup>, gentil-homem da câmara do Príncipe D. Teodósio, do conselho de estado do Rei D. Afonso VI e pessoa da sua confiança <sup>61</sup>, presidente do Conselho Ultramarino <sup>62</sup>, 4.º senhor do Prazo de D. Leão em Alenquer e por esse facto recebeu uma comenda na Ordem de Cristo do lote de 300\$000 réis <sup>63</sup>, restando apenas da sua administração do vínculo da Caparica uma carta de sentença de 8 de Fevereiro de 1644 pela qual lhe julgaram provados os embargos que pôs ao sequestro da Fazenda Real a Francisco de Andrade de uma vinha no Vale do Rogão, termo de Sesimbra, arrematada pelo, pai do qual era senhorio do domínio directo <sup>64</sup>.

<sup>53</sup> *Livro de Genealogias do Século XVI*, int. de António Machado Faria, p. 193.

<sup>54</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Compra q. fez D. Thomaz de Noronha das Fazendas q. unio ao Morgado da Caparica*. Infelizmente o códice em questão tem grandes manchas de água e humidade que dificultam seriamente a sua leitura.

<sup>55</sup> Idem, *Índice do Morgado de Santo Estêvão de Beja aberto por ordem chronologica de Datas*, que tem em apenso a partir de fls. 48, *Índice do Morgado da Caparica chronologicamente aberto pelas datas dos Documentos*.

<sup>56</sup> D. António Caetano de Souza, *ob. cit.*, T. XI, Parte II, p. 904.

<sup>57</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 58 e 58v.

<sup>58</sup> Idem, *Instituição do Morgado de João Esteves o Privado*, fls. 60 a 81v.

<sup>59</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Afonso VI*, Doações, L.º 27, fls. 352 (carta de 10 de Junho de 1662).

<sup>60</sup> D. José Manuel de Noronha e Brito de Menezes d'Alarcão (Arcos), *Os Restauradores de 1640 e seus Actuais Representantes* in *Archivo Nobiliarchico de Portugal*, vol. 1, p. 85.

<sup>61</sup> Hipólito Raposo, *D. Luísa de Gusmão*, p. 313.

<sup>62</sup> Marcelo Caetano, *O Conselho Ultramarino, Esboço da Sua História*, p. 133.

<sup>63</sup> *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, vol. 1, p. 243.

<sup>64</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 158v.

D. Marcos de Noronha, 4.<sup>o</sup> Conde dos Arcos, 12.<sup>o</sup> senhor do morgado de Santo Estêvão em Beja <sup>65</sup>, 14.<sup>o</sup> do morgadio de D. Gaião em Santarém <sup>66</sup>, gentil-homem da câmara do Infante D. Francisco, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Almada, do conselho de estado do rei D. João V <sup>67</sup>, habilitado para cavaleiro da Ordem de Cristo em 16 de Abril de 1672 <sup>68</sup>, provido na comenda de Santo Ildefonso da mesma ordem <sup>69</sup>, celebrou 4 escrituras de aforamento no referido vínculo nos tabeliães de Almada, Belchior Leitão, Antônio Silva e Manuel de Almeida e no de Lisboa José Varela da Fonseca, nos anos de 1670, 1671, 1701 e 1715 <sup>70</sup>.

D. Tomás de Noronha, 5.<sup>o</sup> Conde dos Arcos, membro do conselho de estado do rei D. João V <sup>71</sup>, marechal de campo do exército <sup>72</sup>, comandou um regimento de cavalaria no Alentejo durante a guerra da Sucessão de Espanha <sup>73</sup>, embarcou na armada do Conde de Rio Grande tomando parte na batalha do cabo de Matapão <sup>74</sup>, celebrou 47 escrituras de renovação de aforamentos no vínculo da Caparica entre 1722 e 1758 <sup>75</sup>, nos tabeliães de Almada, Belchior Leitão, Miguel Antônio Pereira, Antônio de Lima Barbosa <sup>76</sup>, Francisco Reis e Antônio Pires Sardinha e no de Lisboa Manuel da Silva Pereira <sup>77</sup>.

D. Marcos de Noronha e Brito, 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos <sup>78</sup>, assentou praça no regimento de cavalaria da Corte <sup>79</sup>, governador e capitão-general da Capitania de Pernambuco <sup>80</sup>, com as

<sup>65</sup> Este vínculo pertencia à Casa dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira e passou à Casa dos Arcos pelo casamento de D. Tomás de Noronha em 4 de Junho de 1646 com D. Madalena de Brito e Bourbon, 3.<sup>a</sup> Condessa dos Arcos (apud. D. Antônio Caetano de Sousa, *ob. cit.*, T XI, Parte II, p. 908). O morgadio foi fundado por Estêvão Vasques, não se sabe em que data, tendo como único elemento da cronologia a lápide funerária do instituidor que indica o ano de 1390 (Abel Viana, Cândido Manecas, José Mourão, e J. de Mello Garrido, *Guia do Distrito de Beja*; Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Beja*, vol. 1, p. 108; Leonel Boula, *A Capela de Santo Estêvão e o seu Adro*, in *Cadernos do Centro Histórico de Beja*, n.º 2, p. 57). No Arq. do Palácio do Salvador existe o tomo *Índice do Morgado de Santo de Beja aberto por ordem chronologica de Datas* em que se transcreve um documento de 1428 pelo qual João Afonso de Brito mandou seu escudeiro Estêvão Rodrigues tomar posse por morte de Rodrigo Annes, D. Sancho (*sic*) e Estêvão Vasques de todos os bens em Beja e Moura.

<sup>66</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Tombo de D. Gaião*, encadernado em pergaminho com respectivos atilhos de linho, constando de 10 folhas manuscritas, abrindo a primeira: *Joaõ Roiz Carreiro escrivãõ dos feytos da Coroa dEl-Rey Nosso Senhor das capellas della em esta sua Corte e caza da Supp.çam Etc. Aos que a prezente certidam virem certifiqiao que ao prezente em meo poder e cartorio estaõ huns bauttos que intitulaõ assy tombo com averiguação da Capella de Dom Gaiaõ que hé administrador o Bisconde de Ponte de Lima no qual a folhas sinco esta huma certidam da torre do tombo do teor seguinte ...* (esta certidão foi passada em Lisboa a 20 de Setembro de 1662).

<sup>67</sup> D. Antônio Caetano de Sousa, *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal* (1.<sup>a</sup> ed.), T XI, p. 239.

<sup>68</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Habilitações para a Ordem de Cristo*, letra M, Maço 47, n.º 11.

<sup>69</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Pasta de Documentos do 4.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso, *Quitação da paga de quinze mil réis que Dom Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, pagou de meia anata e o quarto da comenda de Santo Ildefonso que he da Ordem de Cristo de que foi provido* (carta de 20 de Janeiro de 1674).

<sup>70</sup> Idem, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 59 e 59 v.

<sup>71</sup> D. Antônio Caetano de Sousa, *ob. cit.*, p. 243.

<sup>72</sup> H. Madureira Santos, *Catálogo dos Decretos do Extinto Conselho de Guerra*, vol. 3, p. 68.

<sup>73</sup> Idem, vol. 3, p. 62.

<sup>74</sup> Idem, vol. 3, p. 68. Arq. Histórico Militar, *Processo Individual de D. Tomás de Noronha*, Caixa 712, doc. avulso.

<sup>75</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 59v a 65v; T. 19, Docs. 1274, 1279, 1281, 1282, 1284.

<sup>76</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Leitura de Bachareis*, M2, M31.

<sup>77</sup> Idem, *Leitura de Bachareis*, M31, M25.

<sup>78</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (carta do Conde dos Arcos em pergaminho de 6 de Setembro de 1746).

<sup>79</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (de 23 de Agosto de 1731).

<sup>80</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (*carta régia de 13 de Janeiro de 1749, para terminar as funções anunciando-lhe o sucessor Luís José Correia de Sá*).

mesmas funções na de Goiás<sup>81</sup>, vice-rei do Brasil<sup>82</sup>, membro do conselho de estado do rei D. João V<sup>83</sup>, governador das armas da província da Beira<sup>84</sup>, executou 38 novas escrituras de aforamento, entre 1761 e 1766<sup>85</sup>, nos tabeliães de Almada, Miguel António Pereira, António Pires Sardinha, Francisco Reis e António Carvalho de Matos, e nos de Lisboa José Manuel Barbosa e João Varela da Fonseca.

D. Juliana Xavier de Noronha e Brito, 7.<sup>a</sup> Condessa dos Arcos, dama camarista das rainhas D. Maria Victória e D. Maria I<sup>86</sup>, celebrou 47 novas escrituras de aforamento entre 1766 e 1790<sup>87</sup> nos notários Elisário de Lima Barbosa, António Pires Sardinha, Henrique Aureliano Pinto da Mota e Joaquim Leonardo de Andrade Perdigão, em Almada, e nos de Lisboa, Bartolomeu Ângelo Escopesy e Joaquim José de Brito. O rendimento do referido vínculo na sua gestão perfazia o montante em metal sonante de 967\$213 réis acrescido dos rendimentos em cereais e vinhos explorados directamente e em sistema de meias com os rendeiros das chamadas terras livres<sup>88</sup>.

D. Marcos de Noronha e Brito, 8.<sup>o</sup> Conde dos Arcos<sup>89</sup>, fidalgo da Casa Real<sup>90</sup>, governador e capitão-general das capitanias do Pará, Rio Negro<sup>91</sup> e da Bahia<sup>92</sup>, último vice-rei do Brasil<sup>93</sup>, ministro da marinha e domínios ultramarinos<sup>94</sup>, membro do conselho de regência presidido pela Infanta D. Isabel Maria<sup>95</sup>, sócio honorário da Academia Real das Ciências de Lisboa<sup>96</sup>, executou 62 escrituras de aforamento entre 1806 e 1826<sup>97</sup>, contraídas na totalidade por sua irmã solteira D. Juliana de Noronha<sup>98</sup>, administradora da Casa Arcos durante a sua ausência no Brasil, nos notários de Lisboa, Manuel Joaquim Simplício Xavier de Brito e Manuel Gomes de Carvalho; rendendo anualmente neste período o vínculo da Caparica em dinheiro 1.639\$000 réis, 40 almudes de vinho, 45 alqueires de trigo, 210 galinhas, 4 frangos e 1 franga<sup>99</sup>.

<sup>81</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (*carta régia de patente de Governador e Capitão-General da Capitania de Goiaz datada de 14 de Setembro de 1748*).

<sup>82</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (*carta régia em pergaminho de 24 de Junho de 1754*); vide do Autor: *A prisão e sequestro dos bens dos Padres da Companhia de Jesus na Baía pelo Vice-Rei o 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos* (Lisboa, 2000) e *A Casa da Moeda da Bahia* (Lisboa, 2000).

<sup>83</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (*carta régia em pergaminho de 15 de Novembro de 1745*).

<sup>84</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos do 6.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso (*carta régia em pergaminho de 12 de Junho de 1762*); José Vilhena de Carvalho, *Almada Subsídios para a sua História* (2.<sup>a</sup> ed.), vol. 1, pp. 183 a 192.

<sup>85</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 69 a 75; T. 19, Docs. 1286, 1288, 1289, 1290, 1292, 1294, 1295, 1297.

<sup>86</sup> Idem, *Pasta 1 de Documentos da 7.<sup>a</sup> Condessa dos Arcos*, doc. Avulso, (*Despacho régio da tença de 500\$000 réis anuais do foro de dama camarista de 14 de Abril de 1764*).

<sup>87</sup> Idem, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 75v a 83; T. 20, Docs. 1312, T. 26, doc. 1621.

<sup>88</sup> Idem, T. 22, doc. 1532.

<sup>89</sup> Arq. Nac. da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João VI*, Livro 20, fls. 242 v.

<sup>90</sup> Idem, *Mordomia-mór da Casa Real*, Livro 8, fls. 154; Livro 25, fls. 209.

<sup>91</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Livro de Registo das Ordens Civis do Pará*, fls. 203; Jorge Hurley, *Belém do Pará sob o Domínio dos Portugueses (1616-1823)*, p. 109; vide do Autor: *A Administração Civil, Política, Militar e Económica do 8.<sup>o</sup> Conde dos Arcos, nas Capitanias do Pará e do Rio Negro* (Lisboa, 2001).

<sup>92</sup> Idem, T. 32, doc. 34 (*carta de patente em pergaminho de governador e capitão-general da Baía de 27 de Maio de 1810*); vide do Autor: *A Administração Civil, Política, Militar e Económica do 8.<sup>o</sup> Conde dos Arcos na Bahia* (Salvador-Bahia, 1997).

<sup>93</sup> Idem, *Livro de Registo das Ordens Civis do Pará*, fls. 203.

<sup>94</sup> Rocha Martins, *O Último Vice-Rei do Brasil*, p. 125; vide também a obra de Sebastião Pagano, *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817* (Rio de Janeiro, 1938), e do Autor: *Aspectos da Administração Civil, Castrense e Social do 8.<sup>o</sup> Conde dos Arcos na Vice-Realeza do Brasil* in *Olisipo*, n.<sup>o</sup> 14 (4.<sup>a</sup> Série), pp. 41 a 48.

<sup>95</sup> Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo* (3.<sup>a</sup> ed.), vol. 1, p. 3.

<sup>96</sup> Arq. do Palácio do Salvador, T. 32, doc. 101 (*carta em pergaminho de 6 de Outubro de 1817*).

<sup>97</sup> Idem, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 89v a 110v.

<sup>98</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo, *A Descendência Portuguesa d'El-Rei D. João II* (1.<sup>a</sup> ed., 1945), vol. 1, p. 327.

<sup>99</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Livro de diferentes assentos e clarezas que fez D. Eugénia de Noronha Administradora com Procuração da Caza do Conde dos Arcos seu Irmão, que teve principio em 1813*, fls. 2 a 174 v.

D. Manuel José de Noronha e Brito, 9.<sup>o</sup> Conde dos Arcos, tenente-coronel do exército, gentil homem da câmara do rei D. João VI, membro do seu conselho de estado <sup>100</sup>, par do reino <sup>101</sup>, celebrou 24 escrituras entre 1828 e 1837<sup>102</sup> nas notas dos tabeliães lisboenses Luís António Lobo de Azevedo e Vasconcelos e João Baptista Scola, rendendo anualmente durante a sua administração os mesmos valores aquando da gestão da sua tia D. Juliana de Noronha, acrescidos das rendas dos bens livres no montante de 467\$000 réis <sup>103</sup>, que antes eram explorados em sistema directo ou de meias pelo proprietário.

D. Nuno José de Noronha e Brito, 10.<sup>o</sup> Conde dos Arcos, capitão do exército, adido honorário à Legação de Portugal em Londres, par do reino <sup>104</sup>, último administrador de todos os vínculos da sua casa, 20.<sup>o</sup> do morgado de D. Gaião em Santarém, 18.<sup>o</sup> do de Santo Estêvão de Beja, 15.<sup>o</sup> Padroeiro do Mosteiro do Salvador em Lisboa, 12.<sup>o</sup> senhor do Prazo de D. Leão em Alenquer, 11.<sup>o</sup> morgado da Caparica, após a extinção definitiva dos vínculos em Portugal pelo decreto de 19 de Maio de 1863 <sup>105</sup>, constava todo o património do morgado da Caparica de 160 prédios rústicos que rendiam em 1879 em dinheiro 1.577\$890 réis e 4 moios de trigo <sup>106</sup>. Durante a administração de D. Nuno de Noronha, em data imprecisa, a Câmara Municipal de Almada expropriou por utilidade pública 1.750 m<sup>2</sup> na quinta do Castelo Picão para a construção do cemitério da Caparica <sup>107</sup>.

Pela escritura de partilhas dos herdeiros do 10.<sup>o</sup> Conde dos Arcos, falecido em Lisboa no palácio do Salvador em Alfama a 25 de Maio de 1892, o valor dos bens deixados foi fixado na totalidade em 197.062\$248 réis, com a verba parcial de 52.608\$000 réis, valor atribuído aos bens imóveis do antigo vínculo da Caparica; o acto notarial celebrado entre a 7.<sup>a</sup> Condessa de São Miguel, D. Mariana da Madre de Deus de Noronha e Brito com seu marido o ministro plenipotenciário Dr. Sebastião Brandão de Melo <sup>108</sup> e os sobrinhos, filhos de sua irmã, já falecida, a 2.<sup>a</sup> Viscondessa de Trancoso, D. Bárbara Camila Vicência de Noronha e Brito <sup>109</sup>, que herdaram todos os bens no concelho de Almada.

Já encerradas as partilhas e a parte dos sobrinhos ainda se encontrava indivisa, morreu em Lisboa na freguesia de S. Vicente a 14 de Setembro de 1896 no estado de solteira D. Maria Eulália Giraldes Barba de Noronha <sup>110</sup>, revertendo o respectivo quinhão para os irmãos; caso idêntico sucedeu com o outro irmão, D. Francisco de Sales Giraldes Barba de Menezes, falecido sem descendência a 4 de Julho de 1918, na freguesia de Santa Engrácia em Lisboa <sup>111</sup>.

Concluindo, os bens rústicos foram finalmente partilhados entre D. Maria do Carmo Giraldes Barba de Noronha e Brito, 12.<sup>a</sup> Condessa dos Arcos <sup>112</sup>, e D. Mariana do Socorro da Costa Macedo Giraldes Barba de Noronha, 8.<sup>a</sup> Condessa de São Miguel <sup>113</sup>, cabendo a

<sup>100</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo, *ob. cit.*, vol. 1, p. 327.

<sup>101</sup> *Almanach de Portugal para 1856*, p. 14.

<sup>102</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Índice do Morgado da Caparica*, fls. 111 a 117, T. 20, doc. 1357.

<sup>103</sup> Idem, *Livro de diferentes assentos e clarezas que fez D. Eugénia de Noronha Administradora com Procuração da Caza do Conde dos Arcos seu Irmão, que teve principio em 1813*, fls. 168 a 174 v.

<sup>104</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo, *ob. cit.*, vol. 1, p. 328.

<sup>105</sup> Armando de Castro, verbete *Morgados* in *Dicionário da História de Portugal* (1.<sup>a</sup> ed., s/d) dirigido por Joel Serrão, vol. III, p. 112.

<sup>106</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Tombo dos bens pertencentes à Casa dos Arcos na data de 1 de Janeiro de 1879*, fls. 1 a 131 v.

<sup>107</sup> Idem, *Pasta 3 do 10.<sup>o</sup> Conde dos Arcos*, doc. avulso, *Câmara Municipal do Concelho de Almada, quinta do Castelo Picão, Projecto do Cemitério da Caparica, Planta Geral, Escala=0,002mx1,0m*.

<sup>108</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo, *ob. cit.*, vol. 1, pp. 329 e 330.

<sup>109</sup> Luiz de Bivar Guerra, *A Casa da Graciosa*, p. 186.

<sup>110</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo, *ob. cit.*, vol. 1, p. 331.

<sup>111</sup> Idem, *ib.*

<sup>112</sup> Idem, *ib.*

<sup>113</sup> Idem, *ib.*



esta as quintas do Castelo Picão, Brielas <sup>114</sup> e do Outeiro e metade dos foros sitos no concelho de Almada.

A Condessa de São Miguel, em vida, vendeu em 1946 ao filho primogénito o Eng.º Agr.º D. Nuno António Giraldes de Noronha e Menezes da Costa <sup>115</sup> a quinta do Outeiro; quando D. Mariana de Noronha faleceu em 20 de Dezembro de 1957, o rendimento destes imóveis rústicos era de 24.127\$00 <sup>116</sup> e couberam os bens da Caparica a seus filhos o Dr. D. Luiz de Noronha Giraldes da Costa <sup>117</sup> respectivamente as quintas do Castelo Picão e de Brielas imeditamente alienadas e os foros ao Dr. D. Bartholomeu de Noronha Costa <sup>118</sup> falecido a 23 de Janeiro de 1967, foi seu herdeiro universal o filho único autor do presente estudo que os *perdeu* pelas Leis nº 195.A/76 de 16 de Março <sup>119</sup> e reforçada nas omissões da anterior pela n.º 108/97 de 16 de Setembro <sup>120</sup> que suprimiram definitivamente a enfiteuse em Portugal.

---

<sup>114</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Tomo das propriedades de Briellas e Quinta do Outeiro (1898)*; este tomo tem a memória descritiva das duas propriedades e respectivas plantas topográficas.

<sup>115</sup> Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, *Livro de Ouro da Nobreza*, vol. 1, p. 132.

<sup>116</sup> Arq. do Palácio do Salvador, *Tomo das Propriedades e Foros de Almada da 8.ª Condessa de São Miguel*, fls. 42 e 42 v. Grande parte dos foros foram remidos pelos foreiros ao abrigo do decreto de 23 de Maio de 1911 produzido pelo prócere republicano Doutor Afonso Costa, restando à morte da proprietária 34 domínios directos.

<sup>117</sup> Fernando de Castro da Silva Canedo, *ob. cit.*, vol. 1, p. 332.

<sup>118</sup> Manuel Soares de Albergaria Paes de Melo, *Soares de Albergaria*, p. 281.

<sup>119</sup> *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 64, p. 534.

<sup>120</sup> *Idem*, 1.ª A Série, n.º 214/97, p. 4959.